



# DIÁRIO

## da Assembleia Nacional

IX LEGISLATURA (2010-2014)

3ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 25 DE NOVEMBRO DE 2011

**Presidente:** Ex.<sup>mo</sup> Sr. Evaristo Carvalho

**Secretários:** Ex.<sup>mos</sup> Srs. Celmira Sacramento

Deolindo da Mata

Sebastião Pinheiro

#### SUMÁRIO

O Sr. Presidente declarou aberta a sessão às 10 horas e 20 minutos.

Procedeu-se à tomada de posse de Deputados à Assembleia Nacional.

Em interpeção à Mesa, o Sr. Deputados Domingos Boa Morte (ADI) questionou a distribuição do tempo, tendo sugerido a sua alteração.

Passou-se ao debate de urgência sobre a comunicação social, nos termos do Artigo 88.º do Regimento da Assembleia Nacional.

Nos debates, usaram da palavra, além do Sr. Ministro de Assuntos Parlamentares e Descentralização (Arlindo Ramos), o Líder do Grupo

Parlamentar do MLSTP/PSD (José Viegas) que apresentou as razões do debate, os Srs. Deputados Idalécio Quaresma (ADI), Levy Nazaré (ADI), Elsa Pinto (MLSTP/PSD), Delfim Neves (PCD), Guilherme Octaviano (MLSTP/PSD), Alcino Pinto (MLSTP/PSD), Albertino Bragança (PCD), Gil Costa (PCD), Maria das Neves (MLSTP/PSD) e António Ramos (MLSTP/PSD).

Por último, o Sr. Deputado Alcino Pinto (MLSTP/PSD) apresentou algumas linhas conclusivas sobre o debate.

O Sr. Presidente encerrou a sessão às 13 horas e 10 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, existe quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

*Eram 9 horas e 10 minutos.*

*Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Adérito** de Oliveira **Bonfim**  
**Adilson** Cabral **Managem**  
**Alexandre** da Conceição **Guadalupe**  
**André** Varela **Ramos**  
**Bilaine** Carvalho **Viegas de Ceita**  
**Carlos** Alberto Pires **Pinheiro**  
**Cecílio** Quaresma **da Graça** do Sacramento  
**Celmira** de Almeida do **Sacramento**  
**Domingos** José da Trindade **Boa Morte**  
**Domitília** Portulêz **Trovoada** da Costa  
**Evaristo** do Espírito Santo **Carvalho**  
**Firmino** João **Raposo**  
**Flávio** Pires **Mascarenhas dos Ramos**  
**Hélder** Paquete Lima  
**Idalécio** Augusto **Quaresma**  
**Isabel** Mayza Jesus da Graça **Domingos**  
**José** António do Sacramento **Miguel**  
**José Manuel** Costa Alegre  
**José** da Graça **Diogo**  
**Levy** do Espírito Santo **Nazaré**  
**Manuel** da Graça José **Narciso**  
**Mário** Fernando  
**Martinho** da Trindade **Domingos**  
**Octávio** da Costa de **Boa Morte** Fernandes  
**Paulo** **Jorge** de Carvalho  
**Roberto** Patrício das Neves **Lombá**

Movimento Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD)

**Adllander** Costa de **Matos**  
**Alcino** Martinho de Barros **Pinto**  
**António** Afonso **Ramos**  
**António** Monteiro Fernandes  
**António** Neves Sacramento **Barros**  
**Arlindo** **Barbosa** Semedo  
**Aurélio** Pires Quaresma **Martins**  
**Carmelita** Taveira  
**Deolindo** Luís da Trindade **da Mata**  
**Dionísio** Fernandes Leopoldino  
**Domingos** Monteiro Fernandes  
**Elsa** Maria d'Alva Teixeira **Pinto**  
**Filomena** Monteiro  
**Guilherme** Octaviano  
**Hélder** Afonso da Costa **das Neves**  
Joaquim **Rafael** **Branco**  
**José** da Graça **Viegas** Santiago  
Manuel da Cruz **Marçal** Lima  
**Manuel** Quaresma **Martins**  
**Maria das Neves** Ceita Batista de Sousa  
**Silívia** **Ambrósio** Gil do Espírito Santo

Partido de Convergência Democrática (PCD):

**Albertino** Homem Sequeira **Bragança**  
**Filomena** Maria de F. D. X. de P. dos **Prazeres**  
**Firmino** João **Raposo**

**Francisco Inácio da Silveira Rita**  
**Maria Edite Salvaterra Pinto**  
**Sebastião Pinheiro**

Movimento Democrático Força da Mudança/Partido Liberal (MDFM/PL):

**Hélder Bonfim de Menezes**

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, embora tardiamente, vamos iniciar os trabalhos, empossando alguns Deputados substitutos.

Tem a palavra a Sra. Secretária da Mesa, para proceder à leitura da Acta de Posse.

A Sra. **Secretária** (Celmira Sacramento): — Sr. Presidente, Sr. Ministro, Sras. e Srs. Deputados, vamos passar ao empossamento de alguns Deputados e passo a ler o Termo de Posse.

«Termo de Posse dos Deputados à Assembleia Nacional.

Compareceram perante o Plenário da Assembleia Nacional, aos 25 dias do mês de Novembro do ano 2011, os Srs. Deputados substitutos Eugénio António Sacramento da Graça e Francisco Daniel Nascimento Gula, dos Círculos Eleitorais de Mé-Zóchi e Região Autónoma do Príncipe, em substituição dos Srs. Deputados eleitos Hélder Cravid Bonfim de Menezes e Filomena Pina dos Prazeres, tendo os mesmos prestado juramento nos seguintes termos:»

*Prestaram juramento nos termos constitucionais.*

«E para constar se lavrou o presente Termo de Posse que vai ser assinado por S. Exa. o Sr. Presidente da Assembleia Nacional, já assinado pelos empossados e por mim, a Secretária Permanente da Mesa da Assembleia Nacional, que o lavrou.»

O Sr. **Presidente**: — Estão empossados os Deputados substitutos, respectivamente do Partido MDFM/PL e do Grupo Parlamentar do PCD. Em nome do Plenário, quero desejar aos senhores empossados muito bom êxito no desempenho da função parlamentar.

Temos uma ordem do dia, esta é uma sessão especial para o debate requerido pelo Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, à volta da Comunicação Social. É um debate previsto para 2 horas, 120 minutos, com tempo distribuído em conformidade com o Boletim Informativo que acho que todos têm. Portanto, reunidas todas as condições regimentais, isto é, verificou-se o quórum, dou por aberto o debate. Assim sendo, convoco o Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, o grupo proponente...

O Sr. **Domingos Boa Morte** (ADI): — Um pedido de intervenção, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Se faz favor, tem a palavra.

O Sr. **Domingos Boa Morte** (ADI): — Sr. Presidente, observei o artigo 158.º ponto 2 e verifiquei que o tempo disponível não está de acordo com o Regimento. Gostaria de perguntar à Mesa qual foi o critério que utilizou para atribuir ao Governo e ao ADI 30 minutos, ao MLSTP/PSD 30 minutos, ao PCD 20 minutos e ao MDFM/PL 10 minutos, atendendo que o MDFM/PL tem apenas um Deputado, o PCD tem sete Deputados e o ADI tem 21 Deputados. Gostaria de obter uma explicação da Mesa da Assembleia.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, parece que a observação do Sr. Deputado Domingos Boa Morte é pertinente. De facto, o ponto 3 do artigo 158.º diz: «A cada Grupo Parlamentar é garantido um tempo mínimo de intervenção...». De facto estabelecemos, em Conferência de Líderes, que o debate teria 2 horas e, para ser distribuído nos termos do ponto 2 deste artigo parece desproporcional, tendo em conta os dados que temos no Boletim.

O Sr. Deputado quer fazer alguma proposta para rectificação, caso o Plenário aceite?

O Sr. **Domingos Boa Morte** (ADI) — A minha proposta seria: Governo, 34 minutos; ADI, 34 minutos; MLSTP/PSD, 34 minutos; PCD, 13 minutos e MDFM/PL, 5 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Há alguma opinião em contrário?

Não havendo qualquer objecção, o tempo fica assim distribuído: Governo, 34 minutos; Grupo Parlamentar da ADI, 34 minutos; Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, o proponente, 34 minutos; Grupo Parlamentar do PCD, 13 minutos e o Deputado representativo do partido MDFM/PL, 5 minutos.

Estão de acordo?

*Afirmaram, acenando com a cabeça.*

Portanto, convoco o Grupo Parlamentar proponente para proceder à apresentação do tema do debate. Tem a palavra o Sr. Deputado José Viegas.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — «Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Ministro, a apresentação que vou fazer é produto de muitos minutos de análise e reflexão, pela sua pertinência. É evidente que este debate vem em boa hora. Precisamos de clarificação do comportamento da Comunicação Social no contexto da democracia multipartidária e o debate responde às exigências da nossa população que vem proclamando por uma comunicação social justa, plural, diversificada e virada para os interesses supremos da Nação, onde a própria população se possa representar como actor e não como mero telespectador de uma realidade de enlatados

Infelizmente, durante os 15 meses, aproximadamente, deste Governo, persiste na República o desenho de uma onda da vitória do mal sobre o bem e que a propósito de interesses desconhecidos e inexplicáveis traz-nos à luz a crescente onda de ameaça e de intimidação aos agentes do Estado que contrariam as orientações políticas do partido que sustenta o poder.

Estamos também preocupados, enquanto são-tomenses e enquanto parlamentares, pois a nossa missão, dentre outras, é também a de fiscalizar e a nossa legitimidade se assenta os artigos 92.º, 94.º, 97.º e 98.º da Constituição, bem como o ponto 1 do artigo 12.º do Estatuto dos Deputados, artigo 6.º e 10.º do Estatuto do Direito a Oposição e artigos 17.º e 22.º do Regimento da Assembleia Nacional.

Temos de garantir e salvar a nossa democracia. Temos de salvar a nossa República das tentativas sub-reptícias de introdução no nosso país, através da comunicação estatal, de práticas obscuras de preservação no poder, que a nova ordem internacional tem-se encarregado de banir.

Temos de pedir esclarecimentos em nome do povo para que próprio povo possa decidir sob a pertinência ou sobre a condenação desta tal onda que foge de longe às realidades sociológicas do nosso pensar, das formas de comunicação e interacção dos são-tomenses.

Este debate tem razão de ser sim, porque se torna necessário lembrar ao Governo, enquanto gestor dos meios estatais de imprensa, que em democracia a comunicação social tem um papel preponderante no contexto de desenvolvimento de São Tomé e Príncipe. Tem uma importância quase que exclusiva, na promoção da estabilidade no combate à pobreza e na promoção e valorização do homem são-tomense. Temos de questionar qual tem sido o papel dos nossos órgãos? O que tem sido feito para a valorização dos nossos jornalistas e dos demais agentes da comunicação social no nosso país?

De uma vez por todas a Assembleia Nacional tem de assumir o seu papel proactivo no âmbito das suas competências regimentais, no sentido de travar a onda da partidarização excessiva da TVS, indo ao absurdo da utilização subliminar de mensagens com as cores e do símbolo da ADI na linha gráfica da TVS.

Este debate, esperamos nós, tem de servir para estancar a violação grosseira dos primados e dos princípios da Lei de Imprensa que o Governo vem desencadeando sob olhar atento da crítica nacional, sufocando e perseguindo os jornalistas e agentes da comunicação social.

Srs. Deputados, Sr. Ministro, quero dizer-vos que normalmente em regimes democráticos, após as eleições, há sempre um debate que se gera em relação à primazia e na utilização da máquina da imprensa estatal a favor do candidato ligado ao poder, mas o que aconteceu no nosso país nestas eleições presidenciais últimas foi um escândalo em matéria da utilização abusiva dos meios de imprensa estatal. Foi-se longe de mais. Foi-se ao extremo de permitir a utilização do espaço e dos meios técnicos e humanos da Televisão estatal, que só funciona às expensas dos contribuintes, para elaboração, na calada da noite, dos tempos de antena do candidato apoiado pelo partido do Governo. Isto é condenável.

Existem depoimentos de jornalistas e quadros da Comunicação Social estatal que foram atirados ao desterro, marginalização e perseguição dos jornalistas simplesmente porque se recusaram a seguir a estratégia de manipulação do poder que o Governo teimosamente insiste em prosseguir.

Ainda ao nível da Televisão, vemos com alguma incompreensão, senão com alguma incompatibilidade moral e ética, o facto de o Director da TVS, único órgão estatal da Televisão do País, ser simultaneamente correspondente da RDP ÁFRICA em São Tomé. Dir-me-ão que a Lei de Imprensa não faz alusão a este facto, mas o Governo, nos seus primeiros dias de Governação, quiçá mesmo em campanha eleitoral, habituou-nos ao rigor na gestão da coisa pública. Existe aqui uma grande confusão em matéria de responsabilidades, que tem de ser corrigido imediatamente.

A única Rádio do nosso país, e ai vou usar uma expressão dos agentes do Governo, pela primeira vez ficou muda, paralisada cerca de 21 dia, não pela greve que entendemos ser o direito de qualquer trabalhador, garantida pelas leis da República, mas tão simplesmente devido à inabilidade do Governo em lidar com o assunto. Pela postura de arrogância e falta de diálogo, apanágio da postura de alguns, digo bem, membros deste Governo.

Há ausência de uma política clara de melhoria da qualidade dos órgãos da Comunicação Social, particularmente a TVS e a RNSTP, a Agência STP/PRESS e a imprensa escrita. Os órgãos da Imprensa aos poucos vêm se demitindo das suas atribuições, não pela falta de vontade dos seus agentes e

jornalistas, mais pela ausência de políticas, falta de organização e trabalho e sobretudo pela falta de motivação dos profissionais da Imprensa.

Aqui solenemente gostaríamos de reconhecer e relevar a perseverança e rigor de uma boa parte de profissionais que, não obstante as pressões que lhes são submetidos, recusam-se a embarcar na estratégia de manipulação do poder, insistindo na árdua tarefa de consolidação da democracia e da promoção dos valores republicanos. Um Exemplo, o Ministério da Educação organizou o Fórum da Cultura, julgo que o Estado desprende recursos para a sua realização. Estive nesse Fórum, houve conteúdos que deveriam ser registados para vários programas da Televisão, mas a Televisão só esteve na abertura e provavelmente estará no encerramento. Toda essa gama de conteúdos não vai ser levada para a nossa população. Dá impressão que o próprio Governo não sabe o que quer com a TVS. Isto é preocupante!

A TVS transmitiu filmes pornográficos com cenas homossexuais às 4 horas da tarde, em dias feriados, assisti pessoalmente e foi mais de uma vez. Foi horrível! Onde é que estamos, Sr. Ministro? Mesmo as televisões mais liberais e privadas, como a TV Globo, por exemplo, possuem uma linha editorial de conduta. Já viram em que estado as nossas crianças ficam, em plena luz do dia, assistindo cenas de sexo entre homens? Gostaria de perguntar aos membros do Governo que dirigem a comunicação, que são pais de família, como é que lidam com essa situação.

Os Meios de trabalho a nível dos órgãos vêm se degradando de forma acentuada, mas essa questão será discutida aquando da discussão do Orçamento Geral do Estado (OGE).

Por acaso também temos relatos de casos de má gestão financeira na TVS.»

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, eis o quadro em que se elabora a nossa intervenção e espero que todos aqui presentes tenham prestado a atenção devida sobre o conteúdo da mensagem que foi transmitida.

Muito obrigado.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Muito obrigado Sr. Líder Parlamentar do MLSTP/PSD. Portanto, está feita a apresentação do tema que fundamenta este debate, os assuntos que levaram o Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD a solicitar este debate parlamentar, então vamos em seguida abrir a lista de inscrição para as intervenções julgadas pertinentes, de acordo com o tempo estabelecido.

Tem a palavra o Sr. Deputado Idalécio Quaresma, para uma intervenção.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, depois de ouvirmos a intervenção do Sr. Líder Parlamentar do MLSTP/PSD, ficámos com uma dúvida. Não digo que ficámos um pouco perplexos, tendo em conta que temos também em mãos o pedido que foi dirigido à Assembleia Nacional, solicitando o debate de urgência. É essa questão que eu queria levantar. Ouvimos na comunicação social, já que estamos a falar dela, que era um debate com o Governo sobre a Comunicação Social. Queria dizer-vos que estava agendado sim um debate de urgência sobre a Comunicação Social e de acordo com o documento introduzido na Mesa da Assembleia pelo MLSTP/PSD, no seu respaldo ao artigo 88.º do Regimento em vigor, com o título «Debates de urgência». Gostaria de informar que no actual Regimento não há debate com o Governo, mas sim pergunta ao Governo, de acordo com os articulados 229.º, 234.º, e debate com o Primeiro-Ministro, artigo 228.º.

O nosso pedido de esclarecimento é sobre o seguinte: o documento introduzido pelo MLSTP/PSD diz, no seu ponto 1: «A sessão plenária do dia 18 do mês de Outubro foi silenciada pela TVS, em plena violação dos pontos 1, 2 e 3 dos artigos 8/2008 e dos artigos 13 do Regimento da Assembleia Nacional.» Gostaria de saber a aqui lei se refere. O artigo 13 do Regimento, pelo que eu saiba, refere-se ao fim da sessão constitutiva. Pelo que sabemos, não é isso que vamos tratar. Portanto, gostaríamos de ter esclarecimento sobre esse ponto, antes de avançarmos.

O Sr. **Presidente**: — Portanto, é um pedido de esclarecimento em relação aos fundamentos escritos no requerimento.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Viegas, para uma intervenção.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, eu gostaria apenas de dizer que sinto toda inoportunidade dessa intervenção, porque da maneira como foi feita e pelo Sr. Deputado da ADI remete-nos a um entendimento de que esta plenária nem sequer devia ter lugar, mas ela já foi agendada e estamos aqui neste debate, cumprindo os artigos 88.º e 158.º do Regimento da Assembleia Nacional.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Deputado Idalécio Quaresma, para uma intervenção.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Muito obrigado pela explicação. Eu simplesmente faço alusão a um documento apresentado à Mesa da Assembleia que diz: «São alguns exemplos elucidativos os que se seguem:

1. A sessão plenária do dia 18 do mês de Outubro foi silenciada pela Televisão, em plena violação dos pontos 1, 2 e 3 do artigo 8/2008 e do artigo 13.º.» Não estamos contra o debate de urgência, mas sim queremos o esclarecimento desses pontos. É simplesmente o que pedimos.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado José Viegas, para uma intervenção.

Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, o nosso grupo parlamentar é composto por um grupo de Deputados e tem um líder parlamentar que fez um discurso de introdução. Em momento nenhum dissemos que já esgotamos tudo que temos a abordar em relação à Comunicação Social. Não foi dito isso. Não ouviu em momento nenhum eu ter dito que nesse discurso está tudo sobre a Comunicação Social que gostaríamos de levantar.

Quando fala de debate, de facto acho que é uma preocupação que também é nossa, porque estávamos convencidos de que depois da Conferência de Líder, obedecendo aquilo que está regimentado, este debate contaria com a presença do Sr. Ministro ou de alguém que tutela a Comunicação Social ao nível do Governo, não obstante isto não estar muito claro. Pelo que sabemos, o Governo está aqui representado pelo Ministro dos Assuntos Parlamentares e de outras áreas de governação e não da Comunicação Social.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré, para uma intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, ouvi atentamente a explicação do Líder Parlamentar do MLSTP/PSD e pareceu-me que ele não percebeu o alcance da intervenção do Líder Parlamentar da ADI. Quero fazer apenas um esclarecimento. Poderá dizer que foi um erro de escrita ou qualquer coisa. É que o fundamento do requerimento esclarece três pontos, mas no primeiro ponto diz: «... em plena violação dos dispostos 1, 2 e 3 da Lei». Se formos ver a Lei 8/2008 quais são os pontos 1, 2, e 3? É apenas isso que nós queremos saber. Eu não vejo qual é a dúvida, porque é uma questão óbvia, Sr. Presidente. Aliás, acho que esse esclarecimento devia ser feito pela própria Mesa ao receber o requerimento. Se formos ver a Lei 8/2008 que todos os Deputados têm, não encontramos lá esses fundamentos dos pontos 1, 2, e 3. É apenas para o subscritor do requerimento explicar isso. Qual é o problema? Não estamos contra o debate, vai continuar, mas que nos esclareça sobre isso. Está a fugir e eu não percebo porquê.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sra. Deputada Elsa Pinto, para uma intervenção.

A Sra. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados: Eu acho que a questão que o Sr. Líder do Grupo Parlamentar da ADI levantou é superveniente, na medida em que o documento que dá azo a este debate de hoje esteve em Conferência de Líderes e então deveria ser a Conferência de Líderes a analisar a substância desse documento. Tendo sido validada pela Conferência de Líder, é superveniente a questão. Estamos a perder tempo.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Idalécio Quaresma, para uma intervenção.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, eu creio que a missão que cabe aos representantes dos grupos parlamentares está também escrita no Regimento. Portanto, não fizemos alusão à questão. Não estamos contra o debate de urgência, pelo contrário. Queremos que haja debate, mas só estamos a pedir um esclarecimento sobre esses pontos. Quem escreveu os pontos foi o Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD.

**Presidente**: — O Sr. Deputado Delfim quer participar neste ponto de discussão?  
Tem a palavra.

O Sr. **Delfim Neves**: — Sr. Presidente, Sr. Ministro, Caríssimos Deputados: Apenas gostaria de pedir a compreensão dos Srs. Deputados e penitenciar-me perante todos, embora pertença apenas ao Grupo Parlamentar do PCD. Penitencio-me enquanto Líder Parlamentar que participou na Conferência de Líderes para o agendamento deste debate. Acho que ouvi uma iniciativa proveniente de um grupo parlamentar e na sequência a Mesa da Assembleia agendou a Conferência, devia ter observado todos os articulados. Se houve eventualmente um lapso, é de se entender, mas foi quer da Mesa quer do próprio grupo que teve a iniciativa. Isso não pode ser elemento de debate. É extemporânea estarmos aqui a perder tempo, pedindo esclarecimentos sobre esta matéria.

**Presidente**: — Muito obrigado Sr. Deputado Delfim Neves. Parece que está esclarecido que houve realmente um lapso na Conferência de Líderes.  
Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré, para uma intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, sem querer perder tempo, subscrevo o que disse o Sr. Deputado Delfim Neves. Ele tem toda razão, mas gostaríamos de ouvir isso do próprio grupo parlamentar

subscritor. O seu LÍDER é que devia dizer o que disse o Sr. Deputado Delfim Neves. Acho que ainda está a tempo de o fazer, é uma coisa que não custa nada.

Aproveito, mais uma vez, para dizer o que já discutimos aqui nas outras sessões. A Conferência de Líderes não se sobrepõe ao Regimento. Isso tem que ficar claro. Se a Conferência de Líderes decidiu algo contra o Regimento, nós aqui na plenária não temos que aceitar. Isso tem de ficar claro de uma vez por todas. Por isso, se houve lapso, é normal. A própria Mesa da Assembleia, ao receber o requerimento, devia ter visto os seus fundamentos, se vão de acordo com o Regimento.

O Sr. **Presidente**: — Continua aberta a inscrição.

Tem a palavra o Sr. Deputado Domingos Boa Morte, para um pedido de esclarecimento.

O Sr. **Domingos Boa Morte** (ADI): — Sr. Presidente, venho fazer também um pedido de esclarecimento.

O artigo 88.º ponto 2 diz o seguinte, na parte final: «... realiza-se numa sessão plenária da semana da sua aprovação ou da semana imediatamente posterior.» Sr. Presidente, a Conferência aprovou o documento no dia 9 e hoje é dia 25. Pergunto, Sr. Presidente, na sua consciência, não acha que estamos a violar grosseiramente o Regimento da Assembleia Nacional? Porque não aconselhar o autor da iniciativa a renová-la? Constantemente, violamos o Regimento. O Grupo Parlamentar da ADI já disse que não podemos nem devemos violar o Regimento da Assembleia Nacional. Isso é uma preocupação. Aconselhe o autor a renovar a iniciativa, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Esta é uma questão levantada directamente para a Mesa. Tenho a consciência de que não violei o Regimento. Lembro-me muito bem que recebi o requerimento num dia anterior a uma conferência de líderes e o submeti imediatamente àquela e foi aprovado. Fazendo o expediente para que a reunião fosse realizada logo, vimos o constrangimento, como os Srs. Deputados sabem, da presença dos Deputados que residem na Região Autónoma do Príncipe. Logo chamei os respectivos líderes, dei-lhes conhecimento disso, foi aceite unanimemente que podíamos fazer a plenária na semana seguinte, como diz o Regimento e orientámos para a semana seguinte. Mesmo assim, os serviços, depois de terem feito os expedientes junto da agência de viagem, comunicaram-me que não era possível ter a presença dos Srs. Deputados do Príncipe aqui nesse período e me deram um calendário que dizia que os Deputados do Príncipe só podiam vir a partir do 22 de Novembro em diante. Também pus o problema em Conferência de Líderes e também foi unânime quanto a isso. Significa que só a partir de 22 de Novembro em diante podíamos calendarizar qualquer plenária, sob pena de não contarmos com a participação dos Deputados do Príncipe. Também aceitaram o programa mínimo de realização da plenária de hoje. Os Deputados do príncipe chegaram a São Tomé desde o dia 22 e programámos a reunião para hoje.

Não me sinto com a preocupação de que violei o Regimento. Desculpe, Sr. Deputado.

Temos a reunião de hoje e também programámos a outra para a próxima terça-feira, para aproveitar a presença dos Deputados da Região autónoma do Príncipe, assim como já programámos também, a nível da Conferência de Líderes, as reuniões para apreciação das propostas do OGE e das GOP.

Em princípio, os Deputados do Príncipe deviam regressar ao Príncipe no dia 3 de Dezembro e voltar a São Tomé nos dias 12 ou 13, para fazermos a aprovação final global do OGE e das GOP. Ainda esta manhã, os serviços chamaram-me atenção, porque não haverá possibilidade para os Deputados regressarem ao Príncipe no dia 3. Possivelmente teremos que prolongar a sua presença em São Tomé até essa altura e isso tem custos. Por isso é que é preciso programar. A presença de Deputados em São Tomé tem seu custo excepcional e a Mesa tem que gerir tanto a marcação das reuniões como o problema orçamental.

Para já são essas informações que posso dar e os membros do Conselho de Administração também conhecem esses problemas. Não quero dizer quanto custa esse período de permanência dos Deputados do Príncipe, mas tem um custo alto. Pelo menos quero já anunciar que o preço das passagens para o Príncipe duplicou, além do subsídio de alojamento a que têm direito enquanto estão em São Tomé, e já temos problemas no orçamento da Assembleia.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, venho sugerir, se possível fosse, que se fizesse a distribuição do requerimento que o MLSTP/PSD apresentou. Com o requerimento saberemos como resolver o problema.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado está a pedir o documento e os serviços podem duplicar isso rapidamente. Entretanto, quem quiser intervir pode fazê-lo. O pedido está registado e vamos continuar com o debate.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Albertino Bragança, para uma intervenção.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Ministro, Sras. e Srs. Deputados: Escutei com a devida atenção as palavras do Sr. Líder Parlamentar do MLSTP/PSD na mensagem que nos apresentou.

De facto, para nós a comunicação social devia concorrer sobretudo para a promoção da liberdade de raciocínio e de expressão; da convivência social e do diálogo e também para a promoção do contraditório como forma de proporcionar a formação de cidadãos de mentalidade aberta, sã e tolerante, mas essa missão não está a ser cumprida.

Existe um problema a resolver na comunicação social. É preciso libertar a comunicação social, sobretudo a TVS, da pressão que o actual Governo exerce sobre ela, uma pressão a todos títulos reconhecida. A Televisão estatal não pode continuar a ser a caixa de ressonância do Governo. Isso não convém nem ao Governo nem aos cidadãos deste país.

**Uma voz:** — Tem provas?

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Tenho provas sim. Apresento às Sras. e Srs. Deputados um exemplo sintomático disso. No passado dia 10 do corrente, o Governo, na voz do seu porta-voz, o Sr. Secretário de Estado da Juventude e Desporto, fez na TVS um extenso comunicado público, onde acusava o PCD de ser como que o grande instigador da greve dos trabalhadores da Rádio Nacional. Qual a razão dessa súbita fúria contra o PCD? Segundo o Governo, foi o PCD que alertou os trabalhadores da Rádio Nacional para a existência de um fundo da Voz da América destinado ao apoio das emissoras são-tomenses. No final do comunicado, o jovem e fogoso Secretário de Estado perguntava de forma repetida o que é que o governo do PCD fez na época para apoiar a Rádio Nacional. A pergunta era completamente tendenciosa, própria de quem queria dizer algo, mas não tinha coragem suficiente para o fazer. Daí que era preferível atirar a pedra e esconder a mão acusadora como fez maldosamente o Governo.

Não demorou muito a resposta do PCD, em respeito e para o esclarecimento dos são-tomenses e o Governo, que utilizou para o seu comunicado cerca de 24 minutos da Televisão de todos nós, não foi capaz de permitir a prática de um dos preceitos mais elementares da comunicação social, o direito de resposta. Em vez de permitir a resposta do PCD em iguais condições das que utilizou para difamar cobardemente o partido, deixou apenas passar na TVS dois ou três pontos dos sete que o comunicado continha, provavelmente os menos contundentes, numa atitude abusiva e completamente contrária à Constituição da República e à Lei da Imprensa em vigor. Pergunta-se, será que vamos continuar a aceitar isso?

Duas questões nos preocupam em todo esse processo, muito além das falsas e mentirosas palavras do comunicado do Governo. Em primeiro lugar, o facto de esse Governo agir como se não existissem leis a regular o funcionamento das instituições e a que todos devemos obedecer.

Em segundo lugar, não se tendo o PCD pronunciado publicamente sobre a greve da Rádio Nacional, como fizeram algumas forças partidárias, porque razão terá o Governo se referido ao partido em termos tão violentos como o fez? Aí ocorre a nossa grande preocupação perante a ameaça que pode estar a pairar sobre o regime democrático são-tomense.

O azedo comunicado do Governo vinha na sequência do tempo de antena do PCD, cujo teor já estava na posse da TVS. Isso permite-nos levantar a seguinte questão: será que o Governo teria sido previamente informado da matéria constante no tempo de antena do PCD e daí ter pretendido antecipar-se aos seus efeitos? Tal como vão as coisas, caras e caros Deputados, tudo é possível. Quando um governo arroga a si mesmo o direito de censurar uma sessão plenária da Assembleia Nacional, órgão do Estado que é sua instância fiscalizadora, o que é que não é capaz de fazer? A propósito disso, qual foi a reacção da Assembleia Nacional?

No final, deixo apenas um conselho ao Governo: tudo que o PCD fez durante a sua governação de 1994, um período verdadeiramente difícil da história do nosso país pode ser consultado nos arquivos oficiais. Verá então que os fundos provenientes do acordo, que eu próprio assinei, para a instalação da Voz da América no nosso país foram escrupulosamente afectos ao Tesouro Público e não beneficiaram apenas a Rádio Nacional, mas toda a população, no âmbito das reformas profundas então levadas a efeito.

Srs. Deputados, peço a vossa atenção.

Se assim não fosse, nos conturbados condicionalismos da época, teria havido pronta reacção do então Presidente da República, Sr. Miguel Trovoada, por sinal pai do actual Primeiro-Ministro, que era seu Assessor. Claro que teriam denunciado o PCD.

Muito obrigado pela vossa atenção.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Só queremos chamar atenção ao PCD que só dispõe de 6 minutos. Agora, dou a palavra ao Sr. Deputado Guilherme Octaviano, para uma intervenção.

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Membro do Governo, Srs. Deputados: Também gostaria de associar a minha voz à dos Deputados que me antecederam, dizendo que foi em bom momento que o Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD teve esta brilhante iniciativa, de modo a vermos alguns aspectos que enfermam a nossa comunicação social.

Há dias, mesmo através da TVS, uma cidadã falou sobre a questão do horário dos noticiários, a ausência da sua regularidade, uma questão que, aquando da discussão do OGE do ano passado, eu já tinha levantado.

A minha intervenção resume-se apenas a duas perguntas, mas antes dessas duas perguntas quero reflectir, efectivamente, sobre a importância que a comunicação social tem para um país, para um povo, para uma comunidade, para uma nação, para uma sociedade. Infelizmente, a greve da Rádio Nacional foi o que mais nos tocou, entre outros assuntos, e foi preocupante. Até dizia que notamos a importância que a Rádio Nacional tem, por exemplo, para a informação da nossa população, quando os elementos do idílio camarário utilizam o feriado para poder instar algumas instituições, algumas unidades. O funcionamento da Rádio permite-nos ter toda essa informação.

Acho que foi em bom momento que esta rádio suspendeu a greve depois de 21 dias. Diria até que enfim, foi mais um ponto da onda da vitória, pois assim permite-nos ter um conjunto de informações. Isto vem de acordo com a preocupação do nosso grupo parlamentar.

Se a Rádio estivesse a funcionar, por exemplo, aquando da vinda de S. Exa. o Sr. Primeiro-Ministro de Cuba, teríamos informações mais detalhadas sobre a sua não ida a Venezuela. Todo o cidadão contribuinte tem o direito a toda a informação. Depois da visita a Cuba, por que razão não foi a Venezuela, embora essa questão poderia ser superada apenas com uma informação do Gabinete de Imprensa de S. Exa. o Sr. Primeiro-Ministro. Pessoalmente, fiquei ávido, preocupado e interessado em saber o resultado dessa digressão aos países da América Latina.

Ainda preocupa-me mais a comunicação social, tendo em conta que oiço diversas vezes, principalmente da boca do Sr. Primeiro-Ministro, falar de imaginação. Penso que finalmente vamos atingir um patamar, com uma equipa com uma capacidade imaginativa dinâmica e isso dá-nos uma capacidade de entendimento muito grande. Portanto, sem informação essa imaginação não tem lugar.

Meus caros, sabemos da importância da comunicação social e, infelizmente, há ausência da TVS em relação a outros colegas seus. Não acredito que a TVS, mediante a ilação que pude tirar, seja um pau mandado do Governo. Falo da comunicação social como um todo: Rádio, Televisão e os órgãos da Imprensa, que são de extrema importância. Nesse contexto, a minha primeira pergunta é a seguinte: a comunicação social pretende ter um papel de informação e educação pedagógica, ou não?

Segunda questão: como prevê o Governo a dinâmica de formação ao nível de toda a comunicação social? Sabemos que a formação, sendo ela contínua ou inicial, é de extrema importância. Só assim conseguiremos superar muitas coisas, mesmo a nossa atitude comportamental. Isto é muito importante para todos nós e para a população.

**O Sr. Presidente:** — Há mais inscrições?

Tem a palavra o Sr. Deputado José Viegas, para uma intervenção.

**O Sr. José Viegas (MLSTP/PSD):** — Sr. Presidente, gostaríamos de solicitar a resposta do Governo, relativamente a algumas questões que foram aqui colocadas.

Já agora, gostaria de formular uma pergunta precisa: foi feita referência à última sessão plenária e pelo que sabemos a Televisão não publicitou o debate que houve, chegando ao ponto de nem terem sido divulgados os discursos do Sr. Presidente da Assembleia Nacional e dos líderes parlamentares. Gostaria de solicitar ao Governo as razões desta não divulgação.

**O Sr. Presidente:** — O Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares tem algo a dizer sobre a questão colocada?

**O Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização (Arlindo Ramos):** — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, não sei se esta sessão é de perguntas ao Governo ou se é uma sessão para debate de urgência. Havendo qualquer situação de perguntas ao Governo, se necessário, temos mecanismos regimentais para o fazer. Este debate de hoje não é uma sessão de perguntas ao Governo.

*Protestos do MLSTP/PSD e do PCD.*

**O Sr. Presidente:** — Há mais intervenções?

Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves, para uma intervenção.

**O Sr. Delfim Neves (PCD):** — Sr. Presidente, Caros Deputados, estamos a assistir a algo inédito nesta Assembleia Nacional. Podemos ter todos e cada um o seu entendimento daquilo que se chama debate, mas nunca vi, em São Tomé e Príncipe nem noutras paragens, um debate parlamentar em que se levanta questões e o Governo diz que só responde no âmbito de perguntas ao Governo!

**O Sr. José Viegas (MLSTP/PSD):** — Nunca vi isso!

*Protestos do ADI.*

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Não, nem pensar! O que é debate, a final? O Governo tem assento nesta Casa exactamente para prestar informações, prestar esclarecimentos e responder às perguntas dos Deputados.

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Falta de respeito!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — O Deputado fiscaliza a acção governativa e tem por missão fazer qualquer tipo de pergunta ao Governo, em qualquer das circunstâncias, ainda que a resposta não convença a pessoa que tenha feito a pergunta.

Vou dizer uma coisa: estamos sempre a discutir essa questão da comunicação social, porque todos os governos tentam controlar a comunicação social pública...

**Vozes do ADI:** — Ah! Agora sim!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — ... mas também é verdade que nunca se deve ultrapassar o normal. O que estamos a assistir é controlo e abuso excessivo da comunicação social.

O Sr. **Carlos Pinheiro** (ADI): — Está melhor assim!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Se quiser dou-lhe um exemplo. Nunca assiste, em uma televisão pública, um membro do Governo falar 2 horas. Nunca houve!

*Protestos do ADI.*

Estou a dizer-lhes que não houve!

Digo outra coisa também simples. O que estamos aqui a fazer é um papel, digamos, educativo e aconselhador. Apenas isso. Costuma-se dizer, na nossa língua materna: «*cuá na buá pa bô cumé fa, bô na ca da mina nguê cume fa.*» *Suba cu monhá Damião, Lixandre pô tê di ceto.*

*Murmúrios e protestos do ADI.*

O Sr. **Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares, para uma intervenção.

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização:** — Sr. Presidente, porque não sou jurista, não estou muito à vontade para fazer uma interpretação sobre a lei. Isto cabe aos especialistas na matéria. Só queria esclarecer ao Sr. Líder do Grupo Parlamentar do PCD que temos no Regimento vários tipos de debate. Portanto, os debates estão definidos no Regimento e cada debate desse tem a sua denominação. Há debate com o Primeiro-Ministro e há, no âmbito desse debate, vários artigos que estabelecem quais são as regras. É neste âmbito que disse que não estou em condições de responder. Não é porque não tenho resposta, mas no âmbito regimental não o posso fazer, porque o artigo 88.º é claro naquilo que diz. Portanto, tanto os grupos parlamentares como o Governo podem requerer um debate de urgência e as perguntas não são dirigidas ao Governo. É isto que estou a dizer.

Portanto, se há uma necessidade de esclarecer alguns aspectos levantados no debate de urgência sobre a comunicação social, aí sim a Assembleia tem os mecanismos de solicitar ao Governo informações necessárias sobre a matéria que foi debatida nessa plenária, de acordo com o Regimento. Não há problemas nenhuns. Estamos dispostos a justificar tudo que aqui foi dito, mas no âmbito regimental. Fora disso, meus amigos, desculpem!

*Murmúrios e protestos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Não é uma questão de desrespeito, mas de respeito pela Assembleia.

Agora, se querem um debate com o Primeiro-Ministro sobre a comunicação, requeiram e podem fazê-lo.

O Sr. **Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado Alcino Pinto, para uma intervenção.

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, acho que na Assembleia Nacional, quando as questões que se relacionam com os aspectos da governação e da administração são discutidas, independentemente de qualquer formato, pressupõem duas partes: uma que são os parlamentares e outra que é o Governo. Está-se a refugiar, lamentavelmente, no articulado do Regimento que tipifica e clarifica a questão do debate de urgência sem ver os outros aspectos da mesma norma.

Sr. Presciente, ao fixar a norma de intervenção dos membros do Governo na Assembleia Nacional, quis o legislador definir de uma forma genérica e não diz se é debate de urgência, debate com o Primeiro-Ministro ou uma outra fórmula qualquer. O legislador definiu as regras de intervenção do membro do governo na Assembleia Nacional.

Há um aspecto concreto que é a intervenção nos debates. Se eu fosse membro do governo, teria todo o interesse, neste debate, de defender as posições do governo.

Sei, e acaba de dizer o Sr. Ministro, que poderá responder, mas eventualmente não sendo a sua área de tutela, o Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares não é um super-homem para dominar todas as questões do Governo. Daí que compreenderia e aceitaria, com certa elevação, o entendimento de que o Sr. Ministro não tem o domínio de tudo sobre a comunicação social, mas que não pode dizer, peço desculpas por afirmar isso, que se quisermos organizar com o Primeiro-Ministro debates sobre a comunicação social, poderemos fazê-lo. Tomou-se como formato o debate de urgência e neste debate de urgência o Governo tem todo o interesse, é uma questão de natureza pública e o Governo não pode se escudar...

O Sr. **José Diogo** (ADI): — Como «se escudar»?

*Murmúrios e protestos do ADI.*

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — ...não pode e não deve se escudar!  
A minha preocupação inicial, Sr. Presidente e caros colegas, era a ausência do Ministro tutelar...

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Isto é o mínimo.

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Isto é que é o mais grave! Do meu ponto de vista é um desrespeito à Assembleia Nacional. Para um debate de urgência sobre uma temática como esta, comunicação social, devia estar cá o ministro tutelar. Quem é, não sei. Se fosse um debate sobre a questão da agricultura, era suposto o Ministro responsável pela agricultura estar cá.

Daí que, do meu ponto de vista, esta é uma omissão grave!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Albertino Bragança, para uma intervenção.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Sr. Presidente, é só para fazer uma pergunta que, aliás, já tinha feito no texto, mas não contei com a resposta de Vossa Excelência.

Vou pôr a questão de outra forma: a TVS não transmitiu a sessão plenária da Assembleia, pelo menos os estratos do que vem fazendo há mais de duas décadas, e perguntei no texto qual foi a reacção da Assembleia Nacional. Gostaria de ouvir da sua boca qual foi essa reacção, porque não podemos tolerar essa renúncia, que foi a não transmissão da sessão da Assembleia Nacional.

*Murmúrios e protestos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Reparei, quando o Sr. Deputado fez a primeira intervenção, que o senhor atirou essa bola para a Mesa.

*Risos gerais.*

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — É justamente por isso.

O Sr. **Presidente**: — Não fui jogador, mas vivi sempre muito perto do desporto também. Reparei muito bem e até assinali nos meus apontamentos.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Então foi um lapsos não ter respondido?

*Risos gerais.*

O Sr. **Presidente**: — Efectivamente, esse problema já foi abordado em Conferência de Líderes e até pedimos ao Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares que procurasse um esclarecimento do Governo. Infelizmente, ainda não o obtivemos. Foi por isso que não respondi.

Queria apenas recordar que ao Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD sobraram 13 minutos e 50 segundos.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, o tempo da declaração conta?

O Sr. **Presidente**: — Não, não. A intervenção da apresentação não conta.

Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré, para uma intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, não é a primeira vez que, nesta Casa Parlamentar, discutimos muito sobre o Regimento. Acho que em todas as nossas reuniões falamos do Regimento, interpretamo-lo e já foi dito aqui noutras sessões que há necessidade imperiosa de sentarmos como Deputados e discutirmos o nosso Regimento. Se for para o alterar, altera-se. Até hoje, culpa minha e também do Grupo Parlamentar da ADI, ainda não pedimos à Mesa da Assembleia. Isso é que devia ser de facto um debate de urgência para o Regimento, que é a própria norma que nos rege nesta Casa.

Recordo-me de uma reunião nossa em que houve uma discussão um pouco acesa sobre alguns pontos e a Sra. Deputada Maria das Neves tomou a palavra como alguém com muita experiência e pediu-nos a todos e até a Mesa da Assembleia que ultrapassássemos aquela discussão e que no futuro já não iria acontecer. Quando nos reunimos outra vez, falámos sobre o Regimento. Peço aos Sr. Deputados para terem atenção. O Sr. Ministro disse bem os vários tipos de debates que o nosso Regimento apresenta. Passo a ler, porque as vezes nós próprios não dominamos bem o Regimento. Diz o artigo 228.º, «Debate com o Primeiro-Ministro»; 229.º, «Perguntas ao Governo» e 230.º, «Perguntas de âmbito sectorial». Não vou ler os artigos todos, mas quanto ao pedido do Sr. Deputado Alcino Pinto, o Regimento diz, no artigo sobre pergunta sectorial: «Cada sessão de perguntas de âmbito sectorial é dirigida a um departamento governamental e conta com a presença do Ministro responsável e da respectiva equipa governamental». Se o Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD quer discutir um assunto com o Governo, para fazer perguntas ao Governo sobre a comunicação social, então utilize este mecanismo.

No capítulo perguntas ao Governo: «Os Deputados podem formular, oralmente, perguntas ao Governo em reuniões plenárias organizadas para esse fim». Diz o Regimento «para esse fim»!

«As sessões de perguntas ao Governo podem ser de âmbito sectorial ou geral». Qual é o problema? Então façam o requerimento de acordo com o Regimento e discutiremos. O Governo virá cá com toda a sua equipa da área e responderá a todas as perguntas dos Deputados, não só da oposição. Os Deputados da ADI também têm perguntas a fazer. Por isso, o que peço a todos os grupos parlamentares é que sejamos de facto Deputados.

*Murmúrios e protestos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Gil Costa, para uma intervenção.

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Ministro, Sras. e Srs. Deputados, venho cá usar da palavra, porque algumas intervenções aqui feitas levantaram-me uma preocupação.

Sr. Presidente, na Constituição da República, no seu artigo 29.º, ponto 1, diz: «Todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio».

O artigo 30.º, ponto 2, diz: «O Estado garante um serviço público de imprensa, independentemente dos interesses de grupos económicos e políticos.»

Segundo as intervenções, fica claro que há um controlo absoluto por parte do Governo à comunicação social pública. Pública não significa do Governo. Pública é de todos os cidadãos. Portanto, o Governo, mantendo esse controlo, excluindo os cidadãos ou qualquer outro membro da sociedade de exprimir as suas ideias, quer dizer que está a violar a Constituição da República.

Outra questão: escutei há dias o Sr. Ministro Secretário-Geral do Governo anunciar que estará em curso expedientes para que o cidadão venha a pagar taxas à Televisão e à Rádio Nacional, através de uma factura como a da EMAE. Será que vamos pagar um serviço que não nos é prestado? Eu pelo menos desde já me recuso a pagar!

*Murmúrios e protestos do ADI.*

A Televisão tem estado a serviço do Governo, portanto, o cidadão comum, eu pelo menos, não irei pagar uma taxa à Televisão, uma instituição que não me presta serviço.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — O Estado saberá como agir!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Guilherme Octaviano, para uma intervenção.

*Murmúrios.*

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Atenção, Srs. Deputados, estou a falar!

*Risos.*

Sr. Presidente, gostaria de dizer que, efectivamente, em relação à questão que o Sr. Deputado Levy abordou, todos devemos participar para que as coisas estejam bem precisas, mas também acho que há alguns aspectos que estão no Regimento que são claros. Ora vejamos: se há um pedido para Mesa, obviamente, a Mesa sabe que é o assunto sobre a Comunicação Social e tem alguém que tutela a mesma!

Se houvesse uma carta dirigida à Mesa que há uma tentativa de caçar alguém, a Mesa encaminharia, imediatamente, para o serviço de segurança ou para a defesa...

O Sr. **Alexandre Guadalupe** (ADI): — O senhor quer atacar o Presidente?

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Não, o Sr. Presidente não!

*Risos gerais.*

Portanto, é nesse aspecto! Acho que a Comunicação Social tem uma tutela e o Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares está de acordo comigo que deveria estar cá, porque era bom, era salutar, ganharíamos tempo, estamos todos no mesmo barco...

*Murmúrios do ADI.*

...ninguém está contra ninguém!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Alcino Pinto, para uma intervenção.

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, por hábito não gosto de fazer réplicas, mas como o Sr. Deputado Levy fez uma intervenção um pouco na base da minha, sinto-me no direito de esclarecer algumas questões.

Primeiro, o Sr. Deputado sabe, talvez até melhor que eu por ser jurista praticante e de formação, que as normas quando são feitas devem ser respeitadas, mas os articulados muitas vezes se conjugam.

Dizia ao Sr. Deputado que, do ponto de vista político, é meu entendimento, independentemente das normas oficiais, que qualquer governo tem interesse num debate, naquilo que o Regimento tipificou como «perguntas ao Governo», quer de carácter geral, quer de carácter sectorial. Deve estar presente o Sr. Primeiro-Ministro ou o membro tutelar do Governo para que o Governo defenda as suas posições. O debate, do meu ponto de vista, significa discutir, abordar e quando se discute, quando se debate há que haver partes. É isso que estou a defender.

**Vozes do MLSTP/PSD e do PCD:** — Pois é!

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Dizia eu que o legislador, nas reuniões plenárias, fixou uma secção que se chama «secção primeira», e o debate de urgência está nesta secção. A questão do uso da palavra dos membros do governo também está nessa secção. Não quis o legislador dizer que debate é mesma coisa que perguntas ao governo. Não é a mesma coisa. No meu entendimento, o Governo terá e tem todo o interesse quando há um debate sobre uma esfera específica da governação e, não havendo outras razões muito mais fortes, o Ministro tutelar deve estar presente. Isto é um elemento básico de responsabilidade e respeito pelos órgãos!

É apenas isso que estou a invocar.

Dizia eu também que entendo, eventualmente, as limitações de um ministro que não é de uma determinada área. Não estou a ver um debate em que não haja perguntas. Convenhamos, meus senhores! Não sejamos tão redutores...

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Dogmatas!

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — E o Sr. Deputado quando diz «sejamos Deputados», sinto-me Deputado a 100%!

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — O Sr. José Viegas quer intervir agora ou cede a palavra à Sra. Deputada Elsa Pinto?

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, ela pediu primeiro.

O Sr. **Presidente**: — Tenho o sentimento de que ele pediu primeiro. Tem a palavra a Sra. Deputada Elsa Pinto, para uma intervenção.

A Sra. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, estou a seguir atentamente o evoluir deste debate sobre uma questão de interesse nacional e estou deveras preocupada, porque pode ter havido uma motivação que sustentou a necessidade deste debate, mas é um espaço ímpar que deveríamos efectivamente não desperdiçar. É preciso reflectir profundamente sobre a comunicação social no nosso país.

A pergunta que faço é, vai tudo bem lá em casa? Tudo está sobre rodas? Está tudo perfeito? Então fechemos as nossas malas e vamo-nos embora, porque sabemos que há problemas na comunicação social.

Acho que neste pleno exercício da democracia devíamos deixar de manobras dilatórias, dos expedientes regimentais...

*Protestos do ADI.*

...vamos deixar desses expedientes. Cada um invoca o Regimento como quer. O artigo 94.º fala claramente quando é que os membros do Governo devem fazer uso da palavra.

O Sr. Ministro não está cá, mas podia refrescar-lhe. Fui ministra para os assuntos parlamentares 3 anos, 6 meses e 15 dias e participei em todos os debates nessa Casa, sempre fui interpelada e sempre respondi, porque o silêncio vale assentimento em muitas questões.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Sr. Presidente, Sra. e Srs. Deputados, este momento é um momento em que o País deve efectivamente trabalhar na construção da sua democracia e a democracia passa pelo fortalecimento também de um princípio consagrado na Constituição, a questão da livre expressão; a questão de um sistema de comunicação social forte, até para o bem do próprio Governo.

Acho que se quiserem desperdiçar, vamos desperdiçar esse tempo. «Água que corre no rio não corre duas vezes.» Acho que seria o momento de pensarmos também nas reformas que esse sector precisa profundamente no reforço das capacidades dos agentes, dos jornalistas. Como é que está a Agência de Notícias? Inoperante. Como é que está a reforma iniciada nos anos anteriores entre a formação das empresas públicas para empresas privadas? Devíamos tentar saber como é que estão estas questões ao nível da Comunicação Social e não resumirmos apenas à questão da greve na Rádio Nacional. Greve é uma parte do *iceberg*, mas precisamos de aprofundar uma discussão sobre esse sector.

Penso que não temos que exigir necessariamente um debate sectorial. Podemos, ao nível da Assembleia, fazer este debate, até tirar ilações e dizer ao Governo, porque ele é emanção da Assembleia. Podemos inclusive propor reformas aqui na Assembleia Nacional e o Sr. Ministro pode participar, como todos os ministros de assuntos parlamentares participam numa discussão, num debate nacional sobre questões de interesse nacional.

Portanto, Sr. Ministro, não haja escapatórias regimentais! Vamos participar e o povo nos elegeu para isso e me sinto Deputada em pleno direito!

O Sr. **Presidente**: — Queria fazer o ponto da situação em relação ao tempo. O MLSTP/PSD tem 16 minutos e 20 segundos, o PCD tem 2 minutos e 10 segundos, o ADI tem 30 minutos e 10 segundos e o Governo 31 minutos e 40 segundos e o Deputado do MDFM/PL continua com o seu tempo intacto.

Tem a palavra a Sra. Deputada Maria das Neves, para uma intervenção.

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, gostaria de saudar as Sras. e Srs. Deputados e dizer que estou muito preocupada com a situação da nossa Assembleia Nacional. Aqui até foi invocado que temos que ser Deputados, de facto, acho que cada um ao sair da sua casa para vir a esta Casa Parlamentar, vem porque considera que é Deputado e vem cá para dar a sua contribuição.

Srs. Deputados, em tempos li uma publicação do BAD que classificava os países em termos de liberdade de imprensa, de democracia e de expressão e São Tomé e Príncipe estava muito bem cotado. Aliás, vê-se nas publicações que são feitas. Não quero aqui mencionar países nenhuns que estão abaixo de nós, mas quando vemos que estamos nessa posição, dá um certo prazer ler esses documentos.

Srs. Deputados, para além de pertencermos a grupos parlamentares diferentes, somos parlamentares e temos também que saber defender a nossa Casa Parlamentar.

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Este é um governo indisciplinado!

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Não vemos aqui no Regimento nenhum artigo que possa ajudar.

Sr. Ministro, pedimos a sua indulgência para esclarecer os Srs. Deputados por que é que não se transmitiu aquela sessão, baseado na lei e no Regimento, para que nós e a Nação toda saibamos que a pretensão não é de silenciar o segundo órgão de soberania.

A Sra. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — Se não responder, o silêncio vale como resposta afirmativa.

O Sr. **Presidente**: — Há bocado chamaram-me atenção que a intervenção feita nas respectivas mesas não dão para gravar. Quer dizer que todas intervenções têm que ser feitas no...

A Sra. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — Púlpito!

O Sr. **Presidente**: — Púlpito, muito obrigado.  
Tem a palavra o Sr. Deputado Albertino Bragança, para uma intervenção.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Sr. Presidente, após a intervenção da Sra. Deputada Maria das Neves, venho só para falar da minha preocupação.

Em 21 anos, travei aqui várias batalhas e sei quando o País pode estar em risco. Quero dizer aos Srs. que a evolução deste debate, a ausência do Ministro da pasta, contrariando o tal artigo 94.<sup>o</sup>; a resposta do Sr. Presidente da Assembleia Nacional à que tinha levantado sobre a não passagem na TVS dos extractos da sessão plenária, tudo isso faz com que pense que pode estar em forja um projecto de dominação, a que, consciente ou inconscientemente, podemos estar a dar cobertura. Chamo a atenção dos Srs. Deputados para esse facto! Somos de Grupos Parlamentares diferentes, é certo, mas temos que estar atentos. Pensem nisso que estou a dizer! Independentemente do Regimento, estou a dizer-vos que temos que estar atentos a projectos a que não estamos vinculados, pelo menos conscientemente.

Pensando numa coisa que a Sra. Deputada Maria das Neves disse, somos parlamentares, temos poderes que nos são concedidos por lei, temos que usar esses poderes e temos que pressentir quando as coisas podem acontecer.

Lembro-me de que aqui pressentimos um golpe de Estado. Chamámos o governo e o Ministério da Defesa de então disse que estava tudo bem. Dois dias depois houve mesmo um golpe de Estado.

O Sr. **Hélder Paquete** (ADI): — O senhor está a pensar num golpe de Estado?

*Murmúrios do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado José Viegas, para uma intervenção.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, em devida altura, requeremos este debate de urgência e até aqui não temos razões nenhuma para dizer que o pedido está desenquadrado. Não temos fundamentos, nem regimental nem de qualquer tipo, para dizer que o debate não foi devidamente acautelado, pela forma como foi solicitado. Em relação a isso gostaria de dizer aqui que alguns aspectos que venho sentindo há muito tempo: não há lealdade ao nível das decisões que tomamos em Conferência de Líderes.

Fica também claro que, definitivamente, alguns membros deste Governo, friso bem, alguns membros, elegeram a arrogância como forma de fazer política. O que é lamentável é que aqui em São Tomé e Príncipe a marginalização de uns compromete-nos a todos e compromete o futuro da Nação.

Um debate como este foi solicitado, penso que tudo levava a crer que os esclarecimentos, legítima e fundamentadamente solicitados, deviam merecer respostas, mas não as obtivemos. Estava desenhado, já previa um desenho de surdos e mudos. Felizmente não somos mudos, falamos e os surdos ouvem e continuam calados!

Pela experiência que tenho também, que não é muita, ao nível da comunicação social, quero transmitir-vos esse sentimento...

**Vozes do ADI:** — Surdos não ouvem!

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Têm razão, o surdo não ouve por isso é que é surdo!  
É que quanto mais fecharmos a comunicação social...

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Não estamos a fechar nada!

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — ... na nossa concha, sairemos depois a perder. Podemos ganhar batalhas, mas perdemos guerras.

Lembro-me de que quando eu era Ministro da Comunicação Social, uma das coisas que tentamos fazer é dar oportunidade a todos os partidos, mesmo àqueles sem acento parlamentar.

*Murmúrios do ADI.*

Neste momento, dos órgãos de soberania, o único que tem espaço na comunicação social é o Governo.

**Vozes do ADI:** — Só?

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sim. Vem, senta, diz o que quer, quando quer e da forma como quer.

Na greve da Rádio Nacional, os grevistas prepararam os termos de reivindicação e numa dada altura...

O Sr. **Octávio Boa Morte** (ADI): — Como é que soube?

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Como é que soube? O Sr. Deputado está a perguntar-me como é que eu soube? No meu exercício de Deputado!

Portanto, vimos o silêncio do Governo em relação às reivindicações da comunicação social...

**Vozes:** — Da Rádio Nacional.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Pois, da Rádio Nacional, peço desculpa. Não somos demagogos, não estamos a dizer que todas as reivindicações tinham que ser satisfeitas, mas o que estamos a dizer aqui é que o Governo, nessas circunstâncias, deve abrir espaço para negociação.

O Sr. **Octavio Boa Morte** (ADI): — Ele não mentiu.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sei dos expedientes feitos, mas do nosso ponto de vista não eram aqueles que deviam levar a uma negociação séria.

Mais, tinha sido apresentada uma proposta melhorada, ou seja, os grevistas propuseram a redução das propostas que tinham feito em termos de remuneração e por aí fora e o Sr. Secretário-Geral do Governo, mesmo tendo recebido a proposta, pois ele teve os valores, antes estavam a pedir um valor mais alto, foi à comunicação social, de má-fé, invocar os termos da primeira reivindicação que fizeram. Isso é só para dificultar aquilo que era legítimo aos trabalhadores da Rádio Nacional.

O Sr. **Presidente:** — Por enquanto não há nenhum Deputado inscrito.

**Uma Voz:** — Sr. Presidente, qual é a disponibilidade do tempo para os grupos parlamentares?

O Sr. **Presidente:** — O MLSTP/PSD tem 7 minutos e 20 segundos, o tempo do PCD já esgotou...

*Risos do ADI.*

... o ADI ainda dispõe de 30 minutos e 10 segundos e o Governo mantém o seu tempo. Tem a palavra o Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares, para uma intervenção.

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização:** — Sr. Presidente, quero agradecer às Sras. Deputadas Elsa Pinto e Maria das Neves, pela forma como fizeram a sua intervenção aqui e gostaria de manifestar também a minha consideração e respeito por Vossas Excelências.

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Muito abrigada!

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização:** — Foram postas aqui várias questões em termos de liberdade, de perseguição aos jornalistas e várias outras. Não estou a responder, estou a participar no debate...

*Risos gerais.*

... e a última intervenção do Sr. Deputado Albertino Bragança é que me caiu mal, porque exemplos desses não devem vir à ribalta. Há pessoas que sofreram com esse tipo de coisas.

A Sra. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — E eu sou uma delas!

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização:** — Portanto, não vale a pena buscar um exemplo desses, porque sabemos como é que são as coisas aqui. Quando se quer tentar criar um certo clima de desconfiança para com uma outra pessoa, vai-se buscar exemplos que não têm nada a ver com o assunto que estamos a tratar.

Gostaria de dizer à Sra. Deputada Maria das Neves que o compromisso assumido em Conferência de Líderes não foi há 30 dias, foi há 2 dias. Foi na quarta-feira...

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Não, não.

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização**: — ... que assumimos esse compromisso de poder informar a Assembleia do que houve com a Televisão por não ter transmitido a sessão de 18 de Outubro. Essa justificação será encaminhada à Assembleia Nacional de acordo com o compromisso que o Governo assumiu.

Por outro lado, ouvimos também o Sr. Líder Parlamentar do MLSTP/PSD falar da arrogância, da falta de diálogo em relação à greve da Rádio Nacional. Portanto, gostaria de informar-lhe também que o Governo dialogou sempre com a comissão dos trabalhadores da Rádio Nacional.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Não, não, isso foi antes!

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização**: — O Governo recebeu uma primeira proposta, que foi discutida, voltou a receber uma segunda proposta, analisou, discutiu com a comissão dos trabalhadores e voltou a receber uma terceira proposta. Portanto, se houve várias propostas, quer dizer que houve negociação. No fim, culminámos com um memorando de entendimento com essa comissão.

Se a Assembleia está interessada em todos esses passos que o Governo deu para poder resolver o problema da Rádio Nacional, também estamos dispostos a encaminhar esses documentos à Assembleia Nacional.

Não gostaria de ir por um caminho que não quero ir, para lembrar a alguns deputados, mas só gostaria de dizer que não é intenção do Governo estar a impedir seja quem for de poder ter acesso à Televisão e à Rádio. Não é também intenção do Governo estar a controlar a Televisão e a Rádio. Só que elas são instituições estatais e estão sob a responsabilidade do Estado. O Governo actua segundo as leis e não está a actuar fora desse quadro de respeito pela lei. Agora, se o Governo tem algum comportamento que outras pessoas acham que não devia, também podíamos dizer que há alguns deputados que têm tido mau comportamento em relação a algumas questões. Por exemplo, ultimamente o Governo teve que proibir, ou melhor, determinar que a Televisão não continuasse a gravar as reuniões das comissões de inquérito que estavam em curso, porque sabemos que, de acordo com as leis e com o Regimento, os inquéritos não são públicos. Houve um deputado que foi chamar atenção à Televisão, porque não estava presente nas sessões, sem autorização do próprio Presidente da Assembleia...

*Protestos do Sr. Deputado Albertino Bragança.*

... o único responsável que pode autorizar a transmissão dessas sessões.

Portanto, queria aqui dizer que o Governo não quer impor um controlo rigoroso à Televisão ou à Rádio Nacional. O que queremos é que melhorem as suas condições de trabalho, produzam melhores programas e façam com que a população receba realmente nas suas casas aquilo que a Televisão transmite com qualidade, com isenção e com objectividade. Fora desse quadro, o Governo não está disponível para poder ter na Televisão tudo enquanto as pessoas pensam que deve ser transmitido ou não. Agora, o Governo é responsável pela televisão.

Falou-se aqui também da falta de oportunidades na Televisão. Toda gente assiste à televisão! Em país nenhum, vi um telejornal a ser aberto com uma conferência de imprensa de um grupo de partidos. Não vi em lado nenhum!

**Vozes do MLSTP/PSD e do PCD**: — Mas quem questionou isso?

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização**: — Pelo menos eu vi! Se outros não viram, eu vi.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Mas não é disso que estamos a falar!

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização**: — Portanto, se há alguma coisa para corrigirmos, vamos fazer um debate honesto e sincero, para todos sairmos daqui com a sensação de que o que está mal vai ser corrigido. O Governo aqui está a agir correctamente. Vamos falar honestamente, não vamos buscar coisas que já passaram há muito tempo.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Eu falo sempre honestamente!

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização**: — Muitas vezes não.

O Sr. **Presidente**: — Há espaço ainda para intervenção, mais concretamente do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Um pedido de esclarecimento.

O Sr. **Presidente**: — Pedido de esclarecimento? O PCD já não tem tempo disponível.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, damos 2 minutos ao PCD.

O Sr. **Presidente**: — Neste caso, tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, o meu pedido de esclarecimento versa na intervenção do Sr. Ministro, quando dizia que a preocupação da Conferência foi levantada há 3 dias sobre a não transmissão de uma sessão parlamentar. Particpei e participo na Conferência de Líderes e a reunião em que se levantou essa questão já passou há mais de 3 semanas. Gostaria que o Sr. Ministro corrigisse, ou pelo menos que o Sr. Presidente da Assembleia esclarecesse qual foi a verdadeira data em que se levantou esta questão. São 3 semanas ou 3 dias?

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Ministro, para responder.

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização**: — Sr. Presidente, só queria dizer ao Sr. Líder Parlamentar do PCD que as reuniões da Conferência de Líderes são secretariadas pela Secretária da Mesa e deve haver actas daquilo que foi discutido. Portanto, gostaria que a Sra. Secretária nos dissesse se foi há 3 dias ou há 1 mês, como foi dito aqui. Não tenho que justificar nada, quem tem que o fazer é a Mesa.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sra. Secretária, para prestar esclarecimentos.

A Sra. **Secretária**: — Sr. Presidente, foi uma reunião do dia 4 de Novembro.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — 4 de Novembro. Faz favor contar os dias! São 3 dias?

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização**: — Não, foi o compromisso que se tomou no dia 4 de Novembro? Queria ver a acta. Há algum compromisso?

*Protestos do PCD.*

Não, queria saber, porque estou a dizer que foi há 2 dias que dissemos que íamos mandar a justificação do porquê da não transmissão. Gostaria de saber se na reunião do dia 4 houve compromisso do Governo em justificar a não transmissão do dia 18. Houve?

**Vozes do MLSTP/PSD e do PCD**: — Houve sim senhor!

A Sra. **Secretária**: — Sr. Ministro, na reunião do dia 4 abordou-se a questão e na última reunião que tivemos é que o Sr. Ministro disse que ia tentar ver essa questão.

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização**: — Não, não!

A Sra. **Secretária**: — Sim, abordou-se!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves, para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, desculpa estar a insistir, mas nessa última reunião não me recorde de termos falado mais sobre o assunto. Levantou-se a questão na reunião da Conferência de Líderes do dia 4 e o Sr. Ministro ficou com a incumbência de ir procurar saber o que se tinha passado e trazer o esclarecimento devido à Conferência. Nessa última, já não se tocou no assunto, pelo que eu saiba, mas os outros colegas poderão desmentir.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Aí está, foi o que aconteceu!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado José Viegas, para uma intervenção.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, as coisas tornam-se muito complicadas quando fugimos às nossas responsabilidades, quer colectivas, quer individuais. Efectivamente, naquela reunião do dia 4 foi deixado pelo Sr. Ministro o compromisso de trazer esclarecimentos sobre esse assunto, porque é um dos assuntos que foi abordado naquela reunião da Conferência, não nessa última.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Ministro, para uma intervenção.

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização**: — Peço desculpa ao Sr. Presidente e aos Srs. Deputados por esse lamentável diálogo, mas gostaria só de fazer uma pergunta: como é que é possível abordarmos uma questão que só foi requerida no dia 9 de Novembro? Como é que é possível abordarmos uma questão no dia 4 e a mesma só ser requerida para debate de urgência no dia 9 de Novembro? Isso é que gostaria de saber. Tenho aqui o documento nas mãos.

*Murmúrios e protestos gerais.*

O Sr. **Presidente**: — Não me lembro concretamente da data, mas lembro-me sim que houve uma reunião da Conferência de Líderes...

*Protesto dos Srs. Deputados do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Meus senhores, vamos avançar. Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré.

**Uma Voz**: — É no âmbito dos debates.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sim e debate como foi requerido.

Sr. Presidente, passa o tempo e constatamos que alguns deputados continuam alegoricamente presos e acorrentados no buraco platónico e não se apercebem que estamos a dar tiros num povo, numa Nação que espera que o País arranque. Alguns deles sempre com expressões já cansadas, quer aqui, quer nas comissões e nas CPI, como arrogância, tolerância, etc. e são pessoas que não se conseguem ver. Vindas dessas pessoas, essas expressões perdem todo o seu valor, mas enfim.

Pedi agora a palavra, mais uma vez, para lembrar que estamos num debate de urgência sobre a Comunicação Social, requerido pelo Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD. Uma das coisas que fiz antes de vir a este debate foi ver as leis sobre a Comunicação Social. Daí que peço que sejamos Deputados! Se choca as pessoas, paciência, mas temos que assumir o nosso verdadeiro papel. Vão responder que estão a assumir, tudo bem, o povo está a nos escutar e ver se de facto estamos a exercer a nossa missão de legislar para a melhoria da vida do povo de São Tomé e Príncipe.

Há uma lei, a Lei da Imprensa, Lei n.º 2/93, que foi alterada pela Lei n.º 3/96 e fala sobre a liberdade de expressão e de pensamento, através dos órgãos da Comunicação Social, que integram os direitos fundamentais do cidadãos com uma informação livre e isenta e constitui um dos princípios fundamentais da prática democrática e paz social e progresso em São Tomé e Príncipe. A Lei regula todos os procedimentos para a matéria da comunicação social. Se um cidadão vê violado os seus direitos por um dos sectores da comunicação social, ele tem um dispositivo legal para se defender. Por isso, o que se assiste aqui, na minha opinião, é a tentativa de fazer politiquices e intrigas, para se dizer que o País está em confusão, talvez por causa do período prévio à discussão do Orçamento Geral do Estado em que estamos.

Repito, temos que assumir o nosso verdadeiro papel. Há um órgão que é o Conselho Superior de Imprensa, criado pelos Deputados da Assembleia Nacional, nós. Diz: «O Conselho Superior de Imprensa, alta autoridade para a promoção da liberdade de imprensa, do pluralismo e da independência na comunicação social, é um órgão independente e funciona junto da Assembleia Nacional.» Esse órgão funciona junto desta Casa Parlamentar. A Rádio Nacional esteve em greve, chamámos esse órgão?

Esse órgão era composto, porque a Lei depois foi alterada, por:

- a) Um magistrado, designado pelo Conselho Superior Judiciário;
- b) Dois Deputados, designados pela Assembleia Nacional;
- c) Um membro designado pelo governo;
- d) Dois membros representativos da Comunicação Social e da Cultura;
- e) Um membro representativo da opinião pública.» Foi alterado e introduziu-se «Um membro representativo do Presidente da República.» Essa alteração surgiu principalmente, porque o Presidente da República queria ter também um membro nesse órgão. Neste caso, passou a ser só um membro representativo da Comunicação Social. Ao todo são sete membros.

Estamos a ser Deputados, cumprindo realmente aquilo que o povo nos elegera para fazer, além de politiquices?

O que é que diz mais esta Lei? «Atribuições do Conselho Superior de Imprensa.

- a) Garantir o exercício do direito a informação e a liberdade de imprensa.
- b) Zelar pela independência dos órgãos da Comunicação Social perante os poderes políticos e económicos.» Esse órgão é da Assembleia Nacional e o seu presidente é eleito pela Assembleia. Por isso, antes mesmo de pedir um debate de urgência, na minha opinião, devíamos primeiro chamar esse órgão, para falarmos da comunicação social. Nem sei quem são esses deputados membros do Conselho Superior

de Imprensa. Para além do presidente que tem que ser um magistrado ou uma magistrada, há mais dois deputados e esse órgão funciona na Assembleia Nacional.

Sem querer avançar mais, não sei, vejo programas novos, feitos por pessoas que nem têm afinidade com o ADI, há programas feitos por jornalistas que nas últimas eleições apoiaram outro candidato, há noticiários que não devia. Falar que há uma perseguição do Governo em relação à comunicação social, não vejo. Pelo contrário, sinto que a nossa democracia está a evoluir também com a comunicação social. Isso é notório e dito em todas as eleições que fazemos aqui. Quando vêm os observadores internacionais para as nossas eleições, nas recomendações, dizem que a comunicação social em São Tomé e Príncipe está à altura das exigências do desenvolvimento que o País precisa e que é isenta no acto eleitoral, quer presidencial, quer legislativo, quer autárquico.

Por isso, na minha opinião, posso estar enganado, isto é uma manobra dilatória para confundir o povo, para dizer que o País está numa confusão, que o Governo está a controlar tudo e que o País está em perigo, como se disse aqui, evocando coisas do passado que não é necessário voltar a dizer.

Temos que cumprir a nossa verdadeira missão, peço desculpa aos Deputados. Alguns podem vir cá responder, mas contra o que acabei de ler sobre a Lei da Imprensa, o órgão Conselho Superior de Imprensa, as suas competências e atribuições, os dois deputados que são membros, não há nem haverá argumentos para se dizer que estamos de facto a ser Deputados.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado António Ramos.

O Sr. **António Ramos** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, recebi hoje uma nova interpretação do que significa a palavra debate e vinda de pessoas consideradas intelectuais. Ao longo dos tempos tenho ouvido a palavra diálogo, que o Governo dialoga, mas não sei se está em evidência ou não.

Entendo que debate é convergência de ideias e há vários pontos de vista. Não quer dizer que um vai atacar o outro, mas estamos em busca de solução. Entendo que debate é melhor que chamar, por exemplo, o Conselho Superior de Imprensa. Não se pretende aqui impor nada a ninguém. Sabe-se que não é o Conselho Superior de Imprensa nem somos nós que vamos resolver todos esses problemas hoje. Portanto, quando se convoca um debate, é para que de uma forma pacífica se resolva os problemas.

Ultimamente, quando esses problemas surgiram no mundo, vi em algumas fontes de informação a forma como os jornalistas agiram, ao chamarem rapidamente racista ou fascista. Atendendo a nossa dimensão, como é que se age, em vez de dizer segundo a agência tal, tal foi chamado de racista ou coisa que valha. Não chegamos lá e perdemos tempo na superfície, discutindo coisas que acho que não têm razão de ser.

Peço a todos que utilizem bem a palavra debate, consultem os dicionários.

O Sr. **Presidente**: — O Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD ainda tem 3 minutos, o PCD tem 2 minutos e o ADI tem 20 minutos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves, para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, depois de ouvir a intervenção do Sr. Deputado Levy, venho cá para instar a Mesa da Assembleia a tomar algumas medidas urgentes. Estamos na nova legislatura e é preciso rever a constituição de todos os órgãos em que a Assembleia faz parte. Nomeamos alguns membros, na legislatura anterior, para determinados órgãos e alguns deputados que foram eleitos na altura se calhar já nem sequer fazem parte desta Casa, mas continuam nesses órgãos como se fossem reconduzidos nesta legislatura. Portanto, vamos ter que rever tudo. Isto é muito importante.

O Sr. Ministro não está cá, mas gostaria de dizer que cometeu...

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, só tem mais 1 minuto.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Só 1 minuto? Está bem.

Como estava a dizer, o Sr. Ministro cometeu um erro crasso de ética ao dizer que o Governo mandou suspender a transmissão da entrevista de uma comissão. Isto não é da competência do Governo, mas exactamente do Conselho Superior de Imprensa. Só esse órgão pode suspender ou mandar impedir a transmissão de qualquer tipo de imagem sonora ou outra.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, a Mesa registou a sua recomendação. A Mesa tem em mente a necessidade da renovação do Conselho Superior de Imprensa e os expedientes estão a ser desencadeados para chegarmos lá. Todavia, para completar, dou a palavra à Sra. Deputada Elsa Pinto.

A Sr. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, o Sr. Deputado Levy levantou a questão do Conselho Superior de Imprensa e remete aos Deputados a responsabilidade pela passividade sobre essa questão. É uma questão que está sobre a mesa, o Conselho de Administração suscitou a questão, já foi debatida numa Conferência de Líderes alargada e é preciso que os Srs. Deputados saibam dessas demarches.

O Sr. **Presidente**: — De facto a Mesa pediu uma auditoria sobre o funcionamento desse Conselho Superior de Imprensa, porque o mesmo tem indícios de mau funcionamento, inclusive no aspecto financeiro e no aspecto de gestão de recursos humanos. A Mesa deu aval para que se avançasse e no desfecho dessa auditoria procederíamos à parte política, quer dizer que traríamos à plenária a resolução para que se elegeisse o novo representante da Assembleia Nacional e pedir a reconstituição desse Conselho. Realmente, também temos o sentimento de que o Conselho não funciona já há algum tempo.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Viegas, para uma intervenção.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, o nosso Grupo Parlamentar tem um sentimento profundo de que cada órgão deve desempenhar o seu papel. Quando pedimos o debate sobre a Comunicação Social, queríamos que o Governo falasse sobre aqueles assuntos que são da responsabilidade do Governo.

Em relação ao Conselho Superior de Imprensa, houve uma reunião com um formato acho que não regimental, não me lembro bem, mas foi um expediente que a Mesa da Assembleia fez, num formato Conferência de Líderes, Conselho de Administração mais alguns funcionários da Assembleia, nomeadamente o Director Administrativo e Financeiro, um técnico administrativo e financeiro e o Sr. Secretário-Geral da Assembleia Nacional, no quadro do Orçamento Geral do Estado e da Assembleia Nacional, para termos em conta alguns aspectos que são importantes, nomeadamente a verba para o Conselho Superior de Imprensa.

Quero confessar ao Sr. Presidente que uma das recomendações do desfecho deste debate é trazermos à colação a referência sobre o Conselho Superior de Imprensa, numa perspectiva que entendemos que este Conselho só deverá receber os meios financeiros quando estiver legitimamente constituído e quando corresponder a alguns pressupostos que devemos colocar para a atribuição dessa verba. Um desses pressupostos é que certamente reformulemos tudo e reponhamos a legitimidade que esse órgão tem, porque há lá gente que já não tem legitimidade para lá estar. Depois há a questão de funcionalidade. Acho que devemos elaborar um termo de como pôr o Conselho Superior de Imprensa a funcionar com os meios que a Assembleia pode disponibilizar para o efeito. Nesse sentido, de maneira nenhuma este debate pode ficar sem qualquer sustentabilidade, pelo facto de termos o Conselho assim como está. Sabemos da dificuldade que tem o Conselho Superior de Imprensa, sabemos como está, mas temos que partir do pressuposto que a responsabilidade sobre os órgãos da Comunicação Social e sobre as condições do seu funcionamento não depende do Conselho Superior de Imprensa.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, de facto o debate tomou um outro rumo com a referência a esse órgão, mas a democracia, caras e caros Deputados tem custos. Da forma como o Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD apresenta o requerimento sobre esta matéria e depois de ouvir as intervenções dos Deputados hoje sobre esta matéria, não se pode vir aqui falar de custos. Se o País está em causa, se a democracia, como se quis aqui dizer, está em causa, se o direito de liberdade dos cidadãos está em causa, não se pode vir aqui falar de custos.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Quem falou de custos?

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Falou-se de custos sim, eu ouvi.

Logo, o que eu gostaria de dizer é que para além de custos não se pode vir com o argumento de procedimentos, tendo em conta que a Legislatura começou já há 1 ano e 3 meses. Logo, se esse órgão é tão importante para a democracia, se é um órgão que regula uma matéria tão sensível para a nossa democracia, não podemos vir aqui dizer, 1 ano depois, que ainda não temos esse órgão, estando a comunicação mal. Daí que na minha primeira intervenção chamei atenção a todos enquanto Deputados, inclusive eu, porque não é só a Mesa da Assembleia, não é só a Conferência de Líderes, não é só o Conselho de Administração. Somos 55 Deputados.

Volto a dizer que se deixa entender que este debate sobre a Comunicação Social é mais uma forma de politiquice em São Tomé e Príncipe, porque se a comunicação social fosse, e considero que é para a democracia, tão importante e se estivesse em causa a mesma, então já devia ter sido resolvido o problema do Conselho Superior de Imprensa há muitos meses.

*Murmúrios.*

O Sr. **Presidente**: — Quem quer falar peça a palavra.

Bem, não havendo mais pedidos de intervenção, podemos concluir o debate.

Convido o representante do Grupo proponente para que, nos termos regimentais, encerre o debate.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, nós gostaríamos de agradecer o expediente que em boa hora foi feito para a realização deste debate e deixar um registo de muita preocupação pela surdez do outro lado. Gostaríamos de apresentar algumas linhas conclusivas e para o efeito vou pedir ao Sr. Deputado Alcino Pinto para fazer a sua leitura e deixar bem clara a necessidade, em função do que foi dito aqui, de podermos, num futuro próximo, podia ser já hoje, mas há alguns expedientes que são impeditivos, submeter à Mesa da Assembleia uma proposta de resolução para dar sequência e materializar algumas das decisões que devem ser tomadas pela Assembleia.

Tem a palavra o Sr. Deputado Alcino Pinto, para a conclusão do debate.

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares, Caros Colegas: Tenho uma missão difícil, porquanto não houve debate, lamentavelmente, e a conclusão a que tenho que chegar é que havia, por parte do Grupo Parlamentar da situação e também do Governo alguma reserva, o que conduziu a que perdéssemos uma oportunidade para analisar serenamente a situação da nossa comunicação social.

Julgo que das intervenções havidas neste encontro o pressuposto fundamental é de que de facto a nossa comunicação social, não obstante alguns aspectos, como alguns fizeram referência aqui, tem sérios problemas e estes não resultam da ausência de normas, aliás elas foram aqui referidas por vários intervenientes: a Lei da Imprensa, a própria Constituição, as normas existentes na nossa Casa Parlamentar. O que acontece é que a prática e o imperante têm conduzido a que haja, por parte de alguns grupos parlamentares e de alguns cidadãos, algumas preocupações.

Sr. Presidente, estive a fazer algum esforço de síntese e a primeira nota que deixo aqui é que os órgãos da Comunicação Social devem concorrer sobretudo, e isto está na Constituição, para «a liberdade de expressão do cidadão, promoção da convivência social, bem como a realização do contraditório político, literário, cultural e outros.»

Deste debate e pela posição inicialmente assumida por S. Exa. o Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares e um pouco por alguns intervenientes do Grupo Parlamentar que sustenta o Governo, traduz em certa medida algum receio ou alguma pré-assunção de uma posição de defesa desnecessária. Digo defesa desnecessária, porquanto era suposto estar todos abertos para a discussão de assuntos de interesse do nosso país. Esse certo receio constatado por parte do Governo traduziu, no meu ponto de vista, alguma indisposição para o diálogo.

Outro aspecto importante a que foi feita referência pelo Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, subscritor da solicitação do debate de urgência, e secundada por alguns intervenientes do Grupo Parlamentar do PCD, é que a nossa comunicação social estatal, nomeadamente a Televisão, está sob uma certa pressão do Governo, o que inviabiliza, em certa medida, uma maior democraticidade, maior liberdade e um profícuo contraditório no interior desse órgão da Comunicação Social, quebrando uma maior pluralidade, o que está definido na nossa Constituição.

Torna-se também necessário e urgente, estou a citar, «libertar sobretudo a TVS do controlo e de uma certa censura do Governo» e aí o exemplo que foi apontado da reunião da comissão da Assembleia que não foi publicitada e foi aqui reafirmado pelo Sr. Ministro que foi uma decisão governamental.

*Protestos do Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares.*

Isso foi aqui afirmado pelo Sr. Deputado Delfim Neves e ninguém repostou.

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização**: — Eu não estava presente.

*Murmúrios.*

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Meus senhores, estou no uso da palavra.  
Sr. Presidente, peço a sua colaboração para chamar atenção aos Srs. Deputados.

O Sr. **Presidente**: — Meus senhores, vamos continuar.

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — É de realçar também, em jeito de recomendação, Sr. Presidente, caros colegas, que perdemos uma oportunidade. Penso que nesta Legislatura é a primeira iniciativa de realização de um debate, foram apontadas algumas falhas no início, estou convencido de que todos nós apreendemos e os outros debates serão necessariamente melhores. Porém, Sr. Presidente, caros colegas, gostaríamos que, resultante dessa conversa amiga, pudesse haver por parte das autoridades governativas, nos órgãos da Comunicação Social uma maior democraticidade e igualdade de oportunidade.

Saberão o que é que isso quer dizer, porque estamos num país em que podemos nos orgulhar da nossa democracia, há melhorias significativas a serem feitas, mas também temos que ter a capacidade de reconhecer que há coisas imperfeitas e que é necessário que sejam corrigidas com alguma celeridade.

Sr. Presidente, deixa-me meter uma colherzinha sobre uma luta que venho fazendo já de algum tempo a esta parte. Nós todos devemos reflectir se não se torna necessário, para essa melhoria, termos deputados profissionalizados. Nesta Casa, uma boa parte de deputados tem o Parlamento como actividade secundária, falo isso com conhecimento de causa. Pelo menos na Comissão que eu presido, tive o cuidado de fazer uma nota ao Sr. Presidente para reclamar a dificuldade que tenho de reunir com os Srs. Deputados, por ausência de quórum.

Sr. Presidente, desta reflexão, acho que não obstante o nosso apelo, teremos alguma dificuldade de ver implementadas as nossas decisões com a celeridade necessária. Nesse caso, acho que devíamos tomar aqui uma decisão e ela teria que ter uma forte colaboração do Governo: as nossas sessões parlamentares deviam ser publicitadas directamente. Sei que hoje a Rádio Nacional já o faz, mas deveríamos evoluir no sentido de ir ao encontro da Televisão.

Ao propor isto, Sr. Presidente, estou também a sugerir aos caros e caras colegas que façamos um esforço de melhoria substancial da nossa prestação aqui, sobretudo no quadro das nossas intervenções.

Por último, o Sr. Deputado Levy e o meu Líder Parlamentar falaram da questão do Conselho Superior de Imprensa. Na minha nota para este debate, mostrei ao meu colega quando o Sr. Deputado fazia referência a isso, disse que é um Conselho Superior de Imprensa surdo e mudo e que nos gasta milhões e milhões anualmente.

Estou de acordo com o Sr. Deputado Levy quando diz que a democracia tem custos e nessa matéria os custos da democracia têm que se traduzir em resultados significativos. Daí que o apelo no sentido de repormos o Conselho Superior de Imprensa é urgente, mas quero dizer-lhe que nesta matéria o papel do Conselho Superior de Imprensa devia ter lugar sem a intervenção directa quer do Presidente da Assembleia quer de qualquer um dos deputados.

Portanto, Sr. Presidente, são algumas recomendações que eu gostaria de deixar aqui, pedindo ao Governo que seja mais aberto e dialogante nesta matéria, pedindo aos órgãos da Comunicação Social, nomeadamente os sindicatos, que continuem a ter uma actividade cívica e uma actividade de cidadania no sentido de maior mobilização de todos para a realização daquilo que é bem comum.

Termino pedindo ao Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares que seja porta-voz junto do Governo para que nas futuras sessões de debate de urgência os ministros das respectivas pastas, para além de si enquanto representante do Governo na Assembleia, possam estar presentes.

É tudo o que me oferece dizer neste momento, peço desculpa se não fui plenamente satisfatório, sobretudo para os meus camaradas do Grupo Parlamentar.

O Sr. **Presidente**: — Chegamos ao fim desta plenária. Penso que no mínimo a reunião cumpriu os objectivos. Como disse resumidamente o Sr. Deputado Alcino, esperamos que em futuros debates haja melhoria na prestação de todos nós. Também posso participar no debate, utilizando regras regimentais. Senti algumas passagens do debate em que eu podia também falar, mas não estava muito motivado, supor-tei e calei-me. São ossos de ofício. Espero que de facto nos próximos debates haja maior organização, para que corra melhor e se tire conclusões mais profícuas para o nosso Parlamento e para o nosso Estado.

Encerramos a reunião, na esperança de na próxima terça-feira voltar aqui com um outro objectivo.

*Eram 13 horas e 10 minutos.*